

## **“Eis-me aqui!” “Para sempre!” “Totalmente!”**

Roma, 27 de novembro de 2016

Caríssimos Confrades,

*“Começo em nome de Deus bendito, sob o olhar da nossa Mãe celeste e Nossa Senhora da Divina Providência!”.*

Com estas palavras Dom Orione iniciava uma das suas cartas de 1920 e estas mesmas palavras podem ser, hoje, justas para colocar-nos em sintonia com o nosso Pai Fundador no início de um novo Ano Litúrgico, na recordação da recente celebração da Solenidade de Nossa Senhora da Divina Providência (20 de novembro), Padroeira principal da Congregação.

Sabemos muito bem! Para Dom Orione, cada dia, cada ano, cada evento, cada decisão, cada desejo, como também qualquer realização era “de Nossa Senhora da Divina Providência”. A Ela confiava todo projeto e a Ela atribuía toda gratidão. D’Ela esperava graças ordinárias e intervenções milagrosas. Era uma tão forte polarização mariana, uma tal concentração – constante, tangível, confiante – que podia dizer: *“Tudo graça de Maria!”*.

Olhando o nosso passado reconhecemos que a proteção mariana não sofreu interrupções. Foi sempre perene e contínua. Por este motivo nos associamos ao nosso Pai Fundador para dizer que “À Nossa Senhora Santíssima a nossa pequena Congregação deve tudo; deve se nasceu e se ainda vive e se caminha e se consegue fazer o bem...”. E ao mesmo tempo, olhando o nosso presente e pensando em nosso futuro, continuaremos a rezar com confiança: *“Recorda-te, ó Senhora, da tua Congregação da qual, desde o início, foste a Celeste Padroeira!”*.

### ***Eis-me aqui***

O tempo do Advento, que agora se inicia, é particularmente o tempo da Mãe, da Mãe da Divina Providência, da *“Mãe do Eis-me aqui”*. De fato, com o seu *“Eis-me aqui”*, Maria deu consentimento à palavra divina e abraçou *“a vontade divina de salvação, consagrando totalmente a si mesma como escrava do Senhor, para servir ao mistério da redenção”*. Então, não um *“instrumento passivo nas mãos de Deus”*, mas uma cooperadora *“com fé livre e com a obediência”* (cfr. *Lumen Gentium* 56).

A mesma expressão que marcou o início da divina aventura mariana está presente na origem da nossa vocação religiosa e sacerdotal e é repetida cada dia no qual renovamos a nossa disposição a servir o Senhor, para colaborar na obra da Redenção: *Eis-me aqui!* Além disso, tal expressão foi sacralizada em alguns momentos importantes do nosso itinerário vocacional, como uma manifestação da nossa disposição livre e consciente de servir o Senhor numa bem definida condição e missão. De fato, observando e meditando com atenção os diversos ritos litúrgicos com os quais a liturgia ordena, consagra ou envia alguém para o serviço missionário,

se verifica um mesmo começo: o chamado (“*Aproxima-se aquele que...*”) e em seguida a resposta: “*Eis-me aqui*”.

Poder-se-ia pensar – não sem grave prejuízo à teologia do rito – que a colocação de tal chamado no início, fosse simplesmente um ato funcional para dar encaminhamento prático à cerimônia (“*Tanto para começar!*”). Ao contrário, a sua colocação na origem é teologicamente importante, bíblicamente fundamentada, canonicamente garantida, dogmaticamente significativa, humanamente respeitosa e divinamente esperada.

No início do nosso itinerário vocacional existe um “*Eis-me aqui*”. Não uma palavra descritiva, mas a expressão de uma ação verdadeira e própria, cumprida por um sujeito livre e consciente (Liberdade e Consciência são as duas exigências fundamentais, *condicio sine qua non*, para poder entrar legitimamente no Rito). É a afirmação de um estado de ânimo, semelhante àquele que foi vivido e manifestado por Maria: “Eis-me aqui, estou totalmente à disposição do projeto divino de salvação”.

O ponto de partida, sem o qual não se constrói nada, é a disponibilidade. Depois, o rito prossegue o seu dinamismo e, da disponibilidade (*Eis-me aqui!*), indicará que o serviço/ministério assumido deve estar direcionado para a comunhão (da qual é sinal o abraço no final do rito), através do amor obediente (na ordenação sacerdotal manifestada através da resposta às quatro perguntas do “*Queres?*” e uma do “*Promete?*”) e a entrega total (prostração). Todos os ritos destinados ao serviço ministerial ou à consagração, portanto também o da Profissão, tem o mesmo dinamismo: da disponibilidade à comunhão, através da manifestação do amor obediente. Deste modo, a liturgia faz de nós o ministro/servo, disponível, totalmente nas mãos do Senhor.

*No princípio* – para Maria e para nós – existe um *Eis-me aqui*, pronunciado de modo livre e consciente. No início o rito nos colocou no meio do povo, escutamos uma voz que chamava, podíamos permanecer em nosso lugar ou decidir por uma outra estrada, mas nos levantamos e respondemos ritualmente, consagrando a nossa disponibilidade, “*Eis-me aqui!*”. Depois, no decorrer dos dias, pouco a pouco, descobrimos o conteúdo e as consequências daquela resposta porque aquele “*Eis-me aqui*” nos deu um futuro. Mas é verdadeiro também, que o que era, para nós, apenas esperança e futuro, para o Senhor era já “presente” (“*Sabas todas as minhas trilhas; a palavra não chegou ainda à língua e tu, Senhor, já a conheces toda!*”, Sal 138). Tudo previsto, concentrado, registrado. Na verdade aquele “*Eis-me aqui*” é o nosso “DNA vocacional” que se desenvolve pouco a pouco, dia após dia, em nossa história: “*Tu segue-me!*” (cfr. Jo 21, 22).

Caros Confrades, que o tempo de Advento nos ajude a compreender, ainda mais, a profundidade e o significado do nosso “*Eis-me aqui*”, na salutar recordação do nosso “primeiro *Eis-me aqui*” (o primeiro amor). Para ajudar-nos podemos nos deixar inspirar pelo testemunho de vida do nosso Pai Fundador que, até o fim, se disse totalmente disponível ao Senhor: “*Sinto, agora mais do que nunca, de ser um pobre trapo inútil: confio na misericórdia do Senhor e nas orações (...)* Por aquele pouco que o Senhor desejar de mim, ***Eis-me pronto***. E se, nos dias de vida que me restam, me será concedida a graça de confortar mais um pobre, de dar mais uma consolação ao coração do Papa e dos Bispos, Deus seja bendito também nesta cura!”. Escreveu isso em 5 de março de 1940! Do início até o fim: *Eis-me aqui!*

### **“Por toda a minha vida”: até quando dura um “para sempre”?**

Desde a celebração do Capítulo geral, muitos dos nossos confrades “consagraram ritualmente” o próprio “Eis-me aqui”. No dia 2 de julho, Geraldo Magela da Silva (Prov. Brasil Norte) e em 26 de novembro, Carlos Enrique Liscano Riera (Viceprov. de Madri) pronunciaram o “Eis-me aqui diaconal”. Outros confrades responderam com o próprio “Eis-me aqui sacerdotal”: na Prov. Argentina, Abel Isidro Olmedo Riveros (13/08); na Prov. N. D. Afrique: em 26 de junho, Alain Jacques Sawadogo; em 2 de julho: Balibié (Justin) Bamouni, Arnaud Kambire Berwuole, Guy Roland Nana e Gildas Ouedraogo; em 9 de julho, Bogmsa Badiligma (Wil.) Simfeya, Wend-Malgueda Polycarpe Tapsoba, Assiaténa (Vinc. de P.) Arinim, Dièn (Donatien) Koumantega e Kodjo Atchiké (Pierre) Kpongbe; na Delegação: Raju Sowraj (27/08); na Prov. de Roma, em 10 de setembro, Luca Ingrassi e em 30 de outubro, Andryamahandry Heritiana Rasoamiaramanana.

Enfim, quiseram consagrar “para sempre” o próprio “Eis-me aqui” na Congregação: na Prov. de Warsawa, em 8 de setembro: Piotr Mosak; Michal Pawlowski; Pawel Urbanski. Na Prov. N. D. Afrique, em 10 de setembro: Saidou (Emmanuel Marie) Abdou; Akila Jean Baptiste Gueba; Yves Dieudonné Gyengani; Blonsky Serge Marius Kouadio; Arthus Cyrus Roi Secka; Julien Tapsoba. Na Delegação, em 15 de outubro: Ian Kiprotich Katah. Na Prov. Brasil Norte, em 10 de novembro: Sebastião Bertoldo Tigre Filho; em 12 de novembro: Fabiano de Oliveira; Renaldo Elesbão de Almeida; na Prov. Brasil Sul, em 12 de novembro: Rui Pedro Fernandes Nobre Pires; Adriano Roque da Silva; e Carlos Santos da Silva.

Estes confrades, nas diversas línguas da Congregação, disseram: *“Faço voto de Castidade, de Pobreza, de Obediência e de especial Fidelidade ao Papa, por toda a minha vida”*. É a parte central e fundamental da nossa fórmula de profissão religiosa perpétua. Sem dúvida, palavras corajosas e contracorrente, plenas de audácia e de generosidade. Totalmente de Deus, para sempre na família de Dom Orione.

Para assegurar, todavia, a autenticidade do gesto cumprido pelos jovens, mas também para recordar o compromisso da promessa que manifestamos um dia e, sobretudo, para provocar uma reflexão em quem está próximo de pedir a admissão à profissão perpétua, é necessário deixar-se interpelar por uma pergunta vital e delicada: **Quanto tempo dura um “para sempre”? Até quando vai um “por toda a minha vida”?**

A pergunta, à primeira vista, parece totalmente sem sentido. Colocada deste modo, até mesmo uma criança responderia: “para sempre é... para sempre!”. Uma profissão perpétua não tem data de validade, ou melhor, a sua data de validade é a vida, “por toda a minha vida”, foi dito em nossa fórmula de profissão.

Tal pergunta, porém, é justificável e tem um sentido vital para nós. Quando um religioso, que vive com doação e responsabilidade a sua consagração, pergunta para si mesmo “qual poderia ser o limite do *para sempre*” e se interroga sobre o “sentido da consagração” ou também sobre a atualidade da vida religiosa “nos tempos em que vivemos” está apresentando questões arriscadas e sensíveis que poderiam comprometer o seu projeto de fidelidade. Todavia, um religioso que, nunca na vida, tenha colocado para si mesmo uma pergunta deste tipo, dificilmente será um bom religioso. A sua idoneidade em cumprir os seus deveres e a qualidade da sua doação dependem totalmente da sua atitude de ser religioso com a

consciência do significado da promessa feita e dos compromissos assumidos. Contrariamente, se não tem consciência do compromisso pode se tornar, muito facilmente, um simples funcionário do sagrado que repete cada dia os mesmos gestos, somente um executor do horário, que contabiliza tempo e trabalho sem empenhar-se com o espírito de família, alguém que permanece e se doa na comunidade somente o quanto basta para justificar as próprias exigências. Estas atitudes e este modo de comportar-se, regulando-se segundo o princípio da monotonia da cotidianidade, sem empenhar-se, não tem força. O religioso poderá até permanecer na Congregação, mas será muito mais porque tem medo de arriscar um outro caminho, muito mais por preguiça ou comodidade do que por convicção. E acontece que, quando passará pelo momento da prova ou quando chegará aquela solicitação de um gesto mais radical de confiança, provavelmente não estará disponível.

Infelizmente, perante algumas situações de abandono a pergunta assume também um significado doloroso. Os motivos são muitos, cada situação e pessoa é única. Não se pode generalizar e nem mesmo minimizar os sentimentos e as motivações. Todavia, é justo reconhecer, com Papa Francisco, que hoje se nota “uma preocupação exagerada pelos espaços pessoais de autonomia e de distensão, que leva a viver os próprios deveres como um mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade” (cfr. *Evangelii Gaudium*, 78). A consequência, completa o Papa, é uma “acentuação do individualismo, uma crise de identidade e uma queda de fervor.”

Ao colocar para si mesmo a pergunta sobre a duração do seu “para sempre”, o bom religioso, o “religioso filho”, não dará uma resposta temporal, relativa ao *chronos*, à quantidade, à duração no tempo físico. Dará, sim, uma resposta fundamental (É *para sempre!*), mas na linha do *kairós*, “o tempo que não pode ser medido por uma unidade de tempo”, uma resposta que servirá de fundamento, de base, ponto original e simbólico de um projeto “de toda a vida”. E terá, certamente, a consciência que a sua resposta é dada no tempo, na complexidade dos tempos atuais, de tanta “liquidez”, num contexto desfavorável para as escolhas irrevocáveis, certo de não estar imune às circunstâncias de fragilidade que podem tocar a sua condição humana. E é por este motivo que a pergunta sobre a duração do “para sempre” deve sempre ser acompanhada por uma outra pergunta: **Como manter-se fiel à promessa do “para sempre”?**

Penso que o capítulo 25 do Evangelho de Mateus possa ser considerado uma boa resposta a tal pergunta. *Como perseverar e manter-nos vigilantes e fiéis no compromisso definitivo de resposta ao chamado do Senhor?*

No mencionado capítulo do Evangelho encontramos três parábolas sobre o Reino: as parábolas das Dez Virgens, dos Talentos e do Juízo final.

Na primeira (1-13), as Dez Virgens esperam, com as suas lâmpadas, a chegada do noivo. Cinco delas são definidas como “descuidadas” porque “pegaram suas lâmpadas mas não levaram óleo consigo” (v. 3), outras cinco são as “previdentes” porque “levaram jarros com óleo junto com as lâmpadas” (v. 4). Quando, no meio da noite, chega o noivo, somente as previdentes tinham reserva de óleo suficiente para acompanhá-lo ao banquete. Eis a lição da parábola: é sábio quem é providente e mantém consigo uma reserva de conteúdo que o sustente “para sempre” e “por toda a vida” providente e seguro na espera do Cristo que vem; ao

contrário, a imprevidência é um sinal de descuido, mas também de descompromisso. Além disso, o óleo da parábola é sinal do empenho pessoal e da própria responsabilidade que não podem ser realizadas pelos outros.

A seguir temos a parábola dos Talentos (14-30) – é a segunda - e conhecemos bem a sua dinâmica com os três servos que recebem do patrão uma certa quantidade de bens, “*a cada um segundo a sua capacidade*”. Os dois primeiros servos, mesmo recebendo uma quantidade diferente de bens, trabalham e operam para fazer frutificar o quanto receberam. A distinção ocorrida no recebimento não se repete no momento da prestação de contas quando os dois servos são elogiados da mesma forma, com iguais palavras e méritos, pelo esforço que fizeram. Isto quer dizer que a quantidade não é determinante, mas sim a qualidade da resposta ao mandato do patrão. Logo depois, a atenção se dirige para o terceiro servo que, ao contrário dos companheiros, é preguiçoso, tem uma imagem dura e exigente do patrão e assim, movido pelo medo, conserva e contenta-se com o mínimo, “enterrando os seus talentos”. Por isso, à questão sobre como conservar-se fiel no “para sempre”, a parábola dos Talentos responderia indicando que é preciso operar como os dois primeiros servos, sem medo e sem isolamento, para fazer frutificar o dom, o talento recebido.

A última parábola do capítulo 25 é a do Juízo Final (31-46), certamente a mais conhecida. Nela, são elencadas obras simples, cotidianas, quase banais, da vida normal de cada dia. Abençoado é quem deu o alimento a quem estava com fome, quem deu de beber a quem estava com sede, quem visitou o encarcerado e o doente, enfim, quem fez o bem ao próximo. A mensagem é, mais uma vez, muito clara: grave é a omissão, o não fazer o bem que poderia ser feito, amaldiçoado é quem vive egoisticamente e quem gasta a sua vida sem perceber o rosto de Cristo no irmão. O texto quer nos proteger da tentação do “deixar pra lá”, revelando a seriedade de uma cotidiana opção pelo bem, pelo valor de cada gesto, mesmo pequeno e simples, de bondade e de solidariedade. Para nós, filhos de Dom Orione, a conclusão é imediata: “*Somente a caridade salva!*” e nos mantém fiéis no “para sempre”.

Portanto, o capítulo 25 do Evangelho de Mateus nos transmite as seguintes mensagens essenciais, em comunhão com as nossas Constituições e também com as três prioridades/orientações do XIV Capítulo geral:

- A Parábola das Dez Virgens nos lembra que o cuidado para manter-se fiel no “para sempre” é uma tarefa da vida inteira; “*é, pois, tarefa nossa: manter-nos continuamente dóceis à ação santificadora do Espírito; aperfeiçoar diligentemente nossa cultura espiritual, doutrinal e técnica; prestar ouvidos e ser criativos diante dos sinais dos tempos*” (cfr. Constituições, 110). Por isto o Capítulo indicou como prioridade do sexênio a “*formação*”: “*Formar a pessoa à cura de si mesmo e contemporaneamente à cura dos relacionamentos comunitários, fornecendo sempre novos estímulos para reavivar o dom recebido (cfr. 2Tm 1,6), que frequentemente arde debaixo das cinzas, também naqueles confrades que parecem em crise profunda.*”

- A Parábola dos Talentos nos recorda que o “para sempre” é um “*dom preciosíssimo*”, por isso “*procuraremos cada dia merece-lo e implorá-lo continuamente na oração*” (cfr. Const., 113). O Capítulo nos indicou uma segunda prioridade para o sexênio: “*Colocar no centro a vida comunitária e a valorização dos confrades*”. Ligando-nos com esta prioridade, a parábola pode nos ensinar que o lugar ideal onde investir os nossos talentos, para que sejam

frutuosos, é o terreno comunitário. Além disso, nos ensina que, para realizar isso, melhor aliar-nos com aqueles que dão exemplo de laboriosidade e de generosidade.

- A Parábola do Juízo Final dá o sentido ao nosso “*para sempre*” enquanto “consideramos um *privilégio o serviço a Cristo nos mais abandonados e rejeitados, pois no mais miserável dos homens brilha a imagem de Deus*” (cfr. Constituições, 119). E, por tal motivo, o Capítulo indicou a terceira prioridade: “Atualizar o carisma entendido como vida do Espírito, que se traduz na caridade. È necessário superar a simples atividade filantrópica, encontrando formas para testemunhar Jesus juntamente com o serviço; è necessário voltar a *tocar a carne de Cristo.*”

### **“Eu me ofereço totalmente”: a qualidade do “para sempre”**

Na recitação da fórmula de profissão perpétua, os quatro jovens, com voz clara e segura, conjugaram o verbo “oferecer” na forma pronominal (“*eu me ofereço*”) indicando que a ação de “oferecer” tocava a eles mesmos. Ou seja: quem ou o que ofereciam? Ofereciam a si mesmos. Portanto, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos da ação. Logo a seguir esta oferta foi qualificada com um advérbio, “totalmente”.

Neste “totalmente” existe uma concentração de qualidade, que determina a essência e a natureza da consagração a Deus. Se o “para sempre” está mais para a relação com o tempo (*chronos* ou *kairós*), o “totalmente” diz respeito ao modo como é vivido, à sua qualificação.

Retomando as Parábolas do capítulo 25 do Evangelho de Mateus, encontramos uma mensagem comum a todas: não basta contentar-se com o pouco, podendo fazer mais; não basta não fazer o mal; é pouco viver do mínimo, somente cumprindo o dever; o comodismo, a falta de entusiasmo, o pensar somente em si é danoso à vida. Ao contrário, é preciso oferecer-se “totalmente” para conquistar aquele status de “religioso filho” descrito por Dom Orione: para “*o religioso filho nada tem de mais caro, depois de Deus, do que a sua Congregação! Ele nada mais deseja do que vê-la prosperar, crescer sobre a face da terra, para a maior glória de Deus. (...) Reza, sofre, trabalha, cansa-se sem repouso pela sua Congregação. Quem são os religiosos como este? São os “filhos”. Qualquer que seja o ofício em que for ocupado, o religioso filho estará sempre contente. (...) Que nenhum de vós seja “servo” ou parasita, mas todos ‘filhos’, verdadeiros Filhos da Divina Providência.*” (Vila Moffa, 12/08/1939).

De fato, as três parábolas apresentam pistas interessantes para nos colocar na trilha do sonho de Dom Orione, no itinerário de um amor generoso, de quem se oferece com um “coração sem limite”, “sem fronteiras”. Para tal, é preciso, sobretudo, evitar o encurtamento do sonho. Alguém poderá dizer que é o mal do nosso tempo, mas na verdade é um mal já dos tempos bíblicos. Ou seja, nos personagens negativos de cada parábola (cinco jovens descuidadas, um servo medroso, os *cabritos* da terceira parábola) encontramos quem não se preparou além do mínimo, vemos o medroso e o preguiçoso, além dos egoístas. Todos com um projeto mínimo e pequeno de vida, apenas propostas imediatas. É o encurtamento do sonho. Deixaram-se ceder à tentação de “aceitar semiconscente a mediocridade, buscando para nós um interesse humano, uma razão de vida que, bem ou mal, seja conciliável com as aparências da vida religiosa (ou sacerdotal) ou com uma observância honesta, porém sumária, dos nossos compromissos” (René Voillaume). Completa Cencini: “é nessa direção que vai certa cultura de grupo: ‘Se a mediocridade é a norma, ou se cada um aqui faz aquilo que quer, por que justamente eu deveria ser a exceção? Quem me obriga a fazer isso?’. É triste constatá-lo, mas

muitas vezes a pressão do ambiente, de nossos ambientes clericais ou religiosos, vai nessa direção exata, a da mediocridade, acabando por reforçar socialmente a parte menos amadurecida e livre de cada indivíduo.” Enfim, o que acontece é que “Se determinado ideal é impossível, vamos reduzi-lo”. (cfr. Cencini, *A Hora de Deus*, p. 259). Mas isto é a morte dos grandes ideais (“*para sempre*”), dos grandes projetos (“*por toda a vida*”), da doação generosa (“*totalmente*”).

Por outro lado, os personagens positivos nos ensinam a vencer o sentimento de medo e alimentar-nos sempre daquele espírito orionino condensado no “*Ave Maria e Avante!*”. Ensinam também que aliar-se com os que comungam dos mesmos propósitos, com os generosos e esforçados - não necessariamente perfeitos -, é um bom negócio. A fraternidade pode motivar, impulsionar e encorajar para o bem; pode ajudar a ser ousado e decidido nas próprias convicções.

Enfim, o “Eis-me aqui”, o “para sempre”, o “totalmente”, são expressões que indicam os grandes ideais, os sonhos elevados da nossa vida e estes tem a força e a capacidade de despertar a nossa generosidade, de impulsionar a nossa audácia e de evidenciar o nosso compromisso pelo bem. São atitudes que nos livram da tentação de viver com indiferença neste mundo, preocupando-nos talvez somente com pobres interesses pessoais. Convida-nos à encarnação, plena e total. São ideais que nutriram espiritualmente os grandes da História da Salvação. Quando Deus colocou Abraão à prova, escutou a sua voz “Eis-me aqui!” (Gen 22,1); quando Deus chamou Moisés do rovelo ardente, a resposta foi “Eis-me aqui” (Ex 3,4); quando o Senhor chamou Samuel, igualmente a resposta foi “Eis-me aqui!” (1Sam 3,4); quando o Senhor chamou Isaías, “Eis-me aqui, envia-me!” (Is 6,8); quando, através do anjo, chamou Maria, alegrou-se ao escutar a resposta, “Eis-me aqui, sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a sua vontade!” (Lc 1,38). Mas, quando Deus chamou Adão no jardim, não sentiu alguma resposta e depois de ter insistido (“Onde estás?”), o homem disse: “tive medo e me escondi” (Gen 3,8s).

Caríssimos confrades, que o Senhor possa conceder a todos nós que pronunciamos e consagramos o nosso “Eis-me aqui”, a graça da fidelidade também nas circunstâncias desfavoráveis e a graça da disponibilidade operante e generosa. Que não nos esqueçamos jamais que o segredo do “para sempre” e do “totalmente” possuem aqueles que são providentes, empenhados e generosos. Bem sabendo que esta é também uma graça que devemos pedir cada dia, com insistência, ao Senhor!

Bom tempo de Advento!

P. Tarcisio Vieira

***Proposta para continuar a reflexão:***

1. Valer-se do texto (talvez de uma das suas partes) para o encontro comunitário, oferecendo a possibilidade de um tempo de partilha, para ampliar e enriquecer a reflexão.

2. Pode-se também preparar uma “Lectio Divina” sobre o capítulo 25 do Evangelho de Mateus ou sobre uma das suas três parábolas.
3. Observando o estile da nossa Comunidade, quais são os aspectos que devem ser valorizados para que nos ajudem a manter a fidelidade ao “para sempre” e ao “totalmente”?
4. Como podemos viver o Advento na perspectiva de ser “boa notícia”, dom para os outros? A “troca de presentes” na Comunidade poderia ser também um momento de partilha para descobrir-se e descobrir-nos “dom” uns para os outros!